

HEGEL E SUA INFLUÊNCIA NO SÉCULO XX: ALGUNS DESTAQUES

Francisco Antonio de Vasconcelos¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo principal refletir sobre a influência exercida por Hegel, ao longo do século passado. Por conta disso, direcionamos o nosso olhar para três experiências relativas à recepção desse filósofo: a italiana (ali, o pensamento de Hegel não se limitou a permanecer nos muros das universidades, mas estabeleceu relações profundas com a história), a francesa (a recepção da filosofia hegeliana em solo francês demorou a ocorrer, merecendo menção o curso de Kojève e a tradução da *Fenomenologia* feita por Hyppolite) e a brasileira (destacamos duas abordagens, isto é, a crítica elaborada pelo marxismo ao pensamento do autor e outra, que poderíamos chamar de “teológica”). Nesse sentido, o escrito aponta para as contribuições dadas por algumas figuras: Benedetto Croce, Giovanni Gentile e Antonio Gramsci; Alexandre Kojève, Jean Hyppolite, Alexandre Koyré e Jean Wahl; Lima Vaz e Paulo de Meneses. A importância desse filósofo alemão para o pensamento ocidental elaborado no século XX é altamente relevante.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção, influência, hegelianismo, século XX, ênfases.

HEGEL AND HIS INFLUENCE IN THE 20TH CENTURY: SOME HIGHLIGHTS

ABSTRACT: The main objective of this work is to reflect on the influence exerted by Hegel over the last century. Because of this, we direct our gaze to three experiences related to the reception of this philosopher: the Italian (there, Hegel's thought was not limited to remaining on the walls of universities, but established deep relationships with history), the French (the reception of Hegelian philosophy on French soil took a long time to occur, worth mentioning the course by Kojève and the translation of the Phenomenology made by Hyppolite) and the Brazilian one (we highlight two approaches, that is, the critique elaborated by Marxism to the author's thought and another, which we could call it “theological”). In this sense, the writing points to the contributions given by some figures: Benedetto Croce, Giovanni Gentile and Antonio Gramsci; Alexandre Kojève, Jean Hyppolite, Alexandre Koyré and Jean Wahl; Lima Vaz and Paulo de

¹ Prof. Adjunto IV da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); tem Graduação e Mestrado em Filosofia, Doutorado em Educação e Pós-Doutorado em Ciências da Religião; desenvolve as seguintes linhas de pesquisa: Religião e Política; Habermas e Educação; Filosofia Africana.

Meneses. The importance of this German philosopher to the Western thought elaborated in the 20th century is highly relevant.

KEYWORDS: Reception, hegelianismo, influence, 20th century, emphases.

Considerações iniciais

A importância do pensamento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) para o desenvolvimento do pensamento filosófico, elaborado no continente europeu, ao longo do século XIX, é algo bem conhecido. Considerando especificamente o ocorrido na Alemanha, é possível observar uma crescente valorização de nosso autor. Num primeiro momento, o destaque foi da tríade formada por Kant, Fichte e Schelling; na sequência, uma nova tríade surge composta por Kant, Fichte e Hegel; num terceiro momento, o cenário passa a ser ocupado pela dupla Kant e Hegel.

Após a morte de Hegel, podemos dividir boa parte dos principais filósofos do século XIX em dois grandes grupos distintos, isto é, hegelianos e não hegelianos, ambos subdivididos em dois grupos menores.

Pertenciam ao primeiro, os hegelianos de esquerda ou jovens hegelianos (David Strauss, Max Stinner, Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach e Karl Marx, por exemplo) e os de direita (Hermann Hinrichs, Karl Daub, Heinrich Leo etc.)². Do grupo dos não hegelianos, faziam parte de um lado os positivistas e, de outro, autores como Arthur Schopenhauer, Soren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche. Quanto aos primeiros, criticavam Hegel por ele ter elaborado uma filosofia racional, sustentada numa razão dialética e não na razão proposta pelo iluminismo. Como é conhecido, os positivistas identificavam a razão com a ciência. No que se refere aos pensadores anti-hegelianos como Schopenhauer, Kierkegaard e Nietzsche, o que os unia contra o filósofo de Stuttgart

² Após a morte de Hegel, percebe-se uma divisão entre os seus discípulos. David Strauss denomina-os de direita e esquerda hegeliana. O que diferenciava esses dois grupos era a visão de cada um a respeito da religião e da política. Quanto à primeira, os conservadores viam compatibilidade entre filosofia e cristianismo; enquanto os jovens progressistas negavam essa possibilidade. No que tange à segunda, a direita hegeliana procurava justificar a sociedade existente e o Estado prussiano, amparando-se na tese “tudo o que é real é racional”, elaborada pelo filósofo de Stuttgart; ao passo que a esquerda, baseando-se na dialética de Hegel, defendia a luta pela transformação da sociedade. Contudo, um ponto os unia, isto é, a supervalorização do Estado.

era uma aversão compartilhada por eles à toda forma de racionalidade. Isto, eu acredito, ajuda a termos uma ideia do valor desse pensador na definição dos rumos estabelecidos na construção do pensamento, durante o século XIX, na Europa.

Entretanto, décadas após a morte do filósofo de Stuttgart, houve um declínio no hegelianismo. Observemos:

O final do século XIX assinala, especialmente na Alemanha, um eclipse do hegelianismo, explicável não só pela cisão da escola, mas também pela hostilidade em relação à metafísica e pela tendência a limitar o conhecimento à ciência, em uma perspectiva materialista e positivista. (CARVALHO, 1976, p. 164)

Neste artigo, iremos nos ater a uma pequena parte da influência que Hegel exerceu, ao longo do século XX.

1. Hegel na Itália

A recepção de Hegel, em solo italiano, é motivada por interesses práticos, mais do que especulativos, e encontra uma predisposição cultural nos autores italianos. Nesse primeiro momento, um fato que merece ser destacado são os esforços de se publicar, na língua italiana, as obras de Hegel. Em 1840, Giambattista Passerini traduz *Filosofia da História*. Em 1848, veio a público *Filosofia do direito*, traduzida por Antonio Turchiaruolo. Em um segundo momento, o destaque será a atuação de Francesco De Sanctis, Bertrando Spaventa e Antonio Labriola. Estes três intelectuais exercerão influência, direta ou indireta, sobre os principais nomes do idealismo italiano da primeira metade do século XX, isto é, Benedetto Croce, Giovanni Gentile e Antonio Gramsci (DIAMANTI, 2020), sendo que o destaque vai para Spaventa, no século XIX, e para Croce e Gentile, no século passado (RIZZO, 2017).

De Sanctis, de fato, apesar de apreciar o significado altamente inovador do idealismo de Hegel, relendo-o, tenta ancorá-lo à realidade histórica viva. [...] Devido a esta orientação de seu pensamento, limitava-se a acolher do sistema hegeliano apenas os dois princípios fundamentais “o devir, base da evolução (*Entwicklung*) e o existir, base do realismo”. [...] Se De Sanctis pretendeu sair do idealismo hegeliano acentuando seu peso realista, Spaventa pretendeu reformulá-lo, acentuando de maneira decidida a sua carga idealista (MONTANO 2014, p. 8).

Embora transite dentro do logicismo hegeliano, Spaventa opera uma mudança importante em relação a ele, isto é, realmente o centro da filosofia de Hegel está situado, na lógica como ciência da Idea e no “desenvolvimento desta por intermédio da articulação dialética de relações categoriais procedentes de uma linearidade continuísta e ascendente, tendente à unidade, ao absoluto” (MONTANO, 2014, p. 9). Spaventa, por sua vez, tomará distância do processo dialético pensado por Hegel.

Há uma analogia entre o sistema marxista de Gramsci e a estrada (materialismo histórico) de acesso ao marxismo de Antonio Labriola e Croce. Filosofia da práxis é como Gramsci define o marxismo, essa perspectiva mostra que o pensador, nisto, se alinha a Labriola³ (MORDENTI, 1996). O mesmo autor que “ao afirmar que a filosofia da práxis é independente de qualquer outra corrente filosófica, que é autossuficiente, mostrava ser o único que havia buscado construir cientificamente a filosofia da práxis” (GRAMSCI, p. 1507). Entretanto, em relação a Labriola, também se pode dizer que “O seu Marx é ainda um Hegel (um Spaventa) ao contrário, a sua dialética não deixa mais margem do que aquela idealística a iniciativas independentes” (MASTROIANNI, 1976 apud VANZULLI, [2008], p. 9)

Na sequência, nós nos ateremos um pouco sobre Croce, Gentile e Gramsci.

A influência exercida por De Sanctis sobre Benedetto Croce não deve ser desprezada, tendo sido superior àquela que este havia recebido de Spaventa. Deve ser destacado, sobretudo, que Benedetto Croce elabora uma Filosofia do Espírito, caracterizada por unir fortemente filosofia e história. Esta posição assumida pelo autor

³ Giovanni Gentile também faz uso dessa expressão para definir o marxismo.

tem como solo uma específica compreensão do que seja a filosofia: Não se trata de um saber apenas teórico, mas de um conhecimento voltado para as coisas humanas, unindo teoria e prática (MONTANO, 2014).

Atento a captar e a considerar a realidade em suas distinções articuladas e a prestar sua atenção de filósofo à concretude e particularidade dos fatos históricos, está bem distante dos “grandes sistemas” desse pensar “puro”, que para ele coincide com a metafísica. Ele se esforça, durante muito tempo, em afastar de si e de sua prática filosófica a marca do hegelianismo. Já em 1904, praticamente desde o início da publicação da revista *La Critica*, à pergunta empregada como título do texto *Siamo noi hegeliani?*, respondia: “Pareceria que sim, pois já faz muito tempo que leio e escuto com frequência os termos ‘hegeliano’ ou ‘neohegeliano’ usados para designar o rumo de nossa revista”. Se bem que muitos são aqueles que consideram hegelianos Croce e os colaboradores de *La Critica*, Gentile *in primis*, o mesmo vale para o filósofo napolitano, que destacava: “Não nos havíamos dado conta de que fôssemos ‘hegelianos’ ou ‘neohegelianos’”; para logo precisar que tinha em sua equipe “[...] numerosas críticas à filosofia da história e da estética hegeliana” enquanto não se havia “mostrado até agora demasiado apreço” ao se enfrentar a “metafísica em general”. (MONTANO 2014, p. 9-10)

A Filosofia do Espírito, isto é, o sistema filosófico elaborado por Croce, o contrapõe a Hegel-Spaventa-Gentile, pois rejeita o idealismo metafísico proposto pelos três autores. Tal idealismo, visto por Croce como um monismo que fecha os olhos às distinções, negando existirem, “É a filosofia que, em uma linha unitária e com um procedimento compositivo de tipo vertical, unifica o que na ótica crociana está separado e diferenciado” (MONTANO 2014, p. 11).⁴

De acordo com o pensador, a história da filosofia é filosofia, além do mais também é história contemporânea. Assim, autores como Vico, Hegel, Gentile e o positivismo marxista são utilizados por Croce para a elaboração de sua Filosofia do Espírito. De

⁴ Sem entrar no mérito da questão, pois aqui nos falta espaço e o foco é outro, vale destacar que essa contraposição, que distancia Croce dos outros autores, está na base da tese (bastante assumida e difundida ao longo do século XX) defendida por Emilio Chiochetti, em seu livro *La filosofia di Benedetto Croce* (1920). Diz ele: “O erro mais grave da doutrina crociana é a negação de Deus transcendente. [...] De Sócrates a Hegel [...] a razão última da realidade está em um Deus transcendente” (CHIOCCHETTI, 1920, p. 44).

Hegel, ele recebe como herança a identificação de espírito e realidade, “dentro de uma visão evolutiva atualista de inspiração gentiliana” (RUSPOLI, 2000, p. 609).

No Início do século XX, Croce era um nome, que marcava profundamente o pensamento e a cultura da península italiana (CHIOCCHETTI, 1920), mas apesar de ter exercido “[...] uma espécie de ditadura cultural, que, por força da reação marxista e positivista posterior, foi praticamente aniquilada” (RUSPOLI, 2000, p. 609), nas últimas décadas, esse pensador vem ganhando força, possibilitando que, até hoje, a sua presença se faça sentir na Itália.

Gramsci sustenta que «com a filosofia de Benedetto Croce: mudou-se o endereço e o método do pensamento, construiu-se uma nova concepção do mundo que superou o catolicismo e todas as religiões mitológicas. Neste sentido, Benedetto Croce realizou uma altíssima função ‘nacional’. (VANZULLI, [2008], p. 1)

Croce, primeiramente visto por Gramsci como figura associada à modernidade, logo será por ele percebido como antimoderno, precisando, portanto, ser suplantado. Talvez, seja o principal interlocutor de Gramsci nos *Cadernos do cárcere*, onde se buscará a superação do pensamento crociano por meio da filosofia da práxis.

A tomada de posição a favor de Hegel (e de Croce e Gentile) é uma tomada de posição a favor do moderno [...] a sucessiva evolução levará Gramsci a ver nos dois grandes intelectuais neoidealistas não mais os porta-estandartes da luta em defesa do moderno, mas os cúmplices do obscurantismo antimoderno de Pio X. (LOSURDO, 1997, p. 19-20)

Na obra *Cadernos do cárcere*, o de número 10, que foi dedicado pelo autor à obra e ao pensamento de Croce, teve por título “La filosofia di Benedetto Croce”, apontando, portanto, para a superação do escritor de Pescasseroli. Segundo a perspectiva de Gramsci, o verdadeiro ideólogo do fascismo não é (embora possa parecer à primeira vista) Giovanni Gentile, e sim Croce. Aliás, vale destacar aqui

que Gramsci absorve vários elementos do pensamento elaborado por Gentile, por exemplo, tenha-se presente que a compreensão gramsciana do marxismo como filosofia da práxis deve bastante ao atualismo de Gentile⁵. No entender de Gramsci, Croce faz uma leitura conciliante de Hegel, desnudando o autor alemão de todos os seus aspectos dialéticos revolucionários, reduzindo-o a um pensador mantenedor do *status quo*. Gramsci não aceita essa figura de um Hegel apresentado como um mero justificador da situação social vigente. Contudo, o autor nos adverte de maneira direta:

Más a filosofia de Croce, no entanto, não pode ser examinada independentemente daquela de Gentile. Um Anti-Croce deve ser também um Anti-Gentile; o atualismo gentiliano dará os efeitos de claro-escuro, na imagem, que são necessários para um maior destaque (GRAMSCI, 1975 p. 1234)

A respeito de Giovanni Gentile, cuja influência recebida do pensador francês Victor Cousin foi reconhecida por ele mesmo (RIZZO, 2017), destaco que adotará posição semelhante àquela assumida por Spaventa,

[...] retomando as considerações de Fichte à filosofia como doutrina do saber, reafirmará o carácter absoluto do pensamento, fazendo coincidir a ideia com o próprio ato de conhecê-la e a unidade do espírito entendido como subjetividade absoluta destinada a resolver em si mesma o seu próprio oposto, o objeto. (MONTANO, 2014, p. 9)

O atualismo, nas palavras do próprio Gentile, está conectado a uma tradição, que vai de Kant a Hegel, mas também ao pensamento italiano de Telésio, Bruno Campanella, Vico, Galluppi, Rosmini e Gioberti (GENTILE, 1933 apud SCIACCA, 1955), além de passar por Fichte e Spaventa. De fato,

⁵ Gramsci se coloca como filósofo do ato, mas, ao contrário de Gentile, que é um teórico do ato puro, o ato gramsciano é impuro, ou seja, um ato contaminado com as contradições históricas da vida real.

[...] a inegável derivação de Spaventa deve ser entendida no sentido de uma interpretação pessoal do Gentile de alguns escritos do filósofo napolitano e o repensar de Hegel como a eliminação de tudo quanto ainda existe de uma exigência realista no sistema do filósofo alemão. (SCIACCA, 1955, p. 9)

Para Gentile, a ideia é ato. Assim, o ser será compreendido como um produto do pensamento. “O objeto do pensamento é o próprio ato do pensar” (SCIACCA, 1955, p. 9). Essa filosofia do atualismo tem por método a imanência, quer dizer, “Fora do ato do pensar não há objeto concreto” (SCIACCA, 1955, p. 9). Esta tese gentiliana da ideia como ato é desenvolvida pelo filósofo, ao longo do conjunto de sua obra. De acordo com seu modo de ver, a lógica hegeliana “[...] é movimento aparente das *ideias pensadas* e não devir real do *pensamento pensante*” (SCIACCA, 1955, p. 9).

Considerando a grande influência, que Gentile exerceu, não apenas na Itália, mas na Europa como um todo, assinalo que ele “[...] é continuador, mas também um inovador do espiritualismo hegeliano” (LICATA, 1995, p. 124). Ele não está de acordo com a tese hegeliana, que reduz o espírito subjetivo a uma simples etapa do espírito absoluto.

Quanto a Antonio Gramsci, vale iniciar mencionando duas fontes importantes, que exerceram influência sobre ele, isto é, a filosofia de Hegel e, de modo mais amplo, o idealismo, tanto o alemão quanto o italiano. O seu ingresso na universidade, em 1911, lhe permitiu o acesso à filosofia hegeliana, sobretudo, através da perspectiva de Croce e Gentile (MUSTÈ, 2018).

De Sanctis lhe faz voltar os olhos em direção à dialética hegeliana, Croce ensina que a religião não é necessária para o homem moderno (Hegel com a sua *Wissenschaft* poderia muito bem substituí-la, intui Gramsci). Do pensador alemão, ele utiliza (destaque para o uso que faz dessa categoria nos *Cadernos do cárcere*) a categoria “imanência”. Para o autor sardo, o marxismo seria uma continuação do idealismo (alemão e italiano). Por muito tempo, em Gramsci, persistiu a ideia de sustentar o marxismo teórico no idealismo filosófico, especialmente, na “[...] concepção imanentista de Hegel” (MUSTÈ, 2018, p. 31).

É difícil estabelecer quais textos hegelianos, quais as edições, marcaram a sua primeira formação. Os artigos de juventude não oferecem indicações precisas. Se do período pré-carcerário voltamos a atenção aos anos transcorridos em Turim de Bari e nos outros lugares de detenção e hospitalização (Fórmias, Roma), a situação não parece substancialmente melhor. (MUSTÈ, 2018, p. 31).

São sempre indiretas as referências que ele faz a Hegel. O autor utiliza, nos *Cadernos do Cárcere* (8 e 10), o texto de Croce *Conversazioni critiche*. É certo que, na prisão, ele tinha a obra *Saggio sullo Hegel*, também crociana. Outros destaques de sua leitura a respeito do pensador de Stuttgart seriam: “[...] o livro de Victor Basch sobre as doutrinas políticas dos filósofos clássicos alemães, que ele fez no primeiro período de Turim” (MUSTÈ, 2018, p. 32); de Galvano Della Volpe *Hegel romantico e mistico*; de Giuseppe Maggiore *Hegel*; de Guido De Ruggiero *Sommario di storia della filosofia*; além de outro escrito do mesmo De Ruggiero que tratava de Koyré e o congresso hegeliano de 1930. Assim, vemos que ele não teve acesso a uma grande bibliografia ligada à temática Hegel. Talvez não seja possível falar de um Gramsci, do período anterior à prisão, especialista no filósofo alemão (MUSTÈ, 2018, p. 32), mas “a importância da filosofia hegeliana para a construção da trama teórica dos *Cadernos* foi enorme” (MUSTÈ, 2018, p. 33). Neles, Gramsci coloca Hegel como sustentação da filosofia da práxis. Para ele, a cultura europeia atingiu o seu ápice em Hegel e na crítica ao hegelianismo. Apenas a filosofia da práxis teria as condições para realizar o imanentismo, proposto pelo filósofo alemão, num historicismo absoluto. De acordo com Gramsci, não se deve, pura e simplesmente, definir Hegel como idealista, pois, afinal, o autor alemão teve o mérito de sintetizar “idealismo e materialismo tradicional” (MUSTÈ, 2018, p. 34), unidade rompida posteriormente por seus discípulos.

De acordo com Gramsci, com exceção feita a Labriola, o marxismo posterior à morte de Marx manteve o erro de separar ser e pensar, cabendo à filosofia da práxis reverter tal equívoco. “Podemos dizer que a filosofia de Hegel é o modelo, quase o arquétipo, dessa operação filosófica, na qual a filosofia da práxis deve inspirar-se” (MUSTÈ, 2018, p. 35).

A relação identitária entre ser e pensar conduz Gramsci à discussão sobre a religião. A sua visão a respeito desse ponto diverge da hegeliana: De acordo com esta última, a religião significa a verdade como representação; para Gramsci, ela é exatamente o contrário da verdade. “Se a verdade falava a linguagem da imanência, a religião incarnava aquela da transcendência” (MUSTÈ, 2018, p. 37).

Em relação à crítica, que Benedetto Croce elaborou a respeito da dialética hegeliana, Gramsci se manteve equilibrado: de um lado, admitindo o valor da lógica dos distintos (crociana); de outro, advertindo sobre “a sua insuficiência, que o remetia à formulação originária de Hegel” (MUSTÈ, 2018, p. 38), isto é, a lógica dos opostos. Segundo Gramsci, nesse aspecto, o problema da estratégia utilizada por Croce era não conseguir ultrapassar o nível da superestrutura (espírito), não atingindo o nível da estrutura (natureza), coisa que a lógica dos opostos fazia (MUSTÈ, 2018).

A influência da filosofia de Hegel sobre Gramsci também se faz notar num conceito bastante importante presente nos *Cadernos do cárcere*, ou seja, *traducibilità*, cuja origem remonta a Spaventa, Croce, Lenin, Giovanni Vailati, Giuseppe Prezzolini e à *Sagrada família*. Merece destaque ainda a importância que Gramsci dá “ao conceito hegeliano de «*bürgerliche Gesellschaft*», ligando-o estreitamente ao problema da história dos intelectuais e à teoria da hegemonia” (MUSTÈ, 2018, p. 42). As discussões sobre a sociedade civil o conduziram a uma revisão da teoria política, especialmente, ao conceito de Estado. Nesse ponto, ele se distanciou da filosofia jurídica hegeliana e elaborou um conceito mais amplo de Estado: “portanto, não o Estado como forma decorrente da esfera ética, mas «Estado = sociedade política + sociedade civil, ou seja, hegemonia blindada de coerção»” (MUSTÈ, 2018, p. 43).

Chegando à conclusão deste tópico, considere-se que, em solo italiano, o pensamento de Hegel não se limitou a permanecer nos muros das universidades, ao contrário, naquela península, essa filosofia estabeleceu relações íntimas com a história.

Se uma coisa deve ser dita a respeito do hegelianismo italiano, é que nunca foi um fato acadêmico. O nome de Hegel, na Itália, está indissolúvelmente ligado

aos grandes eventos da história, seja no que se refere à obra de Spaventa e de De Sanctis no *Risorgimento*, ou o de Antonio Labriola nas batalhas socialistas; seja quando pensamos nas “reformas” da dialética hegeliana de Benedetto Croce e de Giovanni Gentile, ou no Hegel “romântico e místico” entre as duas guerras, ou nas discussões da relação Hegel-Marx depois da segunda guerra mundial⁶. Precisamente porque nem neutral nem acadêmica, a “presença” de Hegel na Itália variou de acordo com os momentos: diferentes foram as vias de acesso, diferentes as obras “traduzidas”, discutidas, assimiladas. (GARIN, 1972, p. 123-124 apud GALLO, 2017, p. 652)

Além disso, destaco que Croce (liberal), Gentile (fascista) e Gramsci (comunista) se tornaram figuras centrais na elaboração do pensamento italiano, ao longo do século XX até os nossos dias, exercendo influências, direta ou indireta, sobre inúmeros autores das gerações que lhes sucederam.

2. Hegel na França

Se, por um lado, é verdadeira a afirmação de que Hegel, desde a sua atuação em Berlim, já havia conquistado grande notoriedade e reconhecimento intelectual, por outro lado, também pode-se dizer que a sua recepção em solo francês ocorreu tardiamente (LIMA VAZ, 1997, p. 562). “O pensamento filosófico contemporâneo está dominado pelo hegelianismo... Hegel entrou na França um século depois de sua morte” (CANGUILHEM, 1948, p. 282-283). De fato, nas primeiras décadas do século passado, ele não era um autor desconhecido em solo francês, mas ainda não havia obtido reconhecimento dentro do ambiente universitário daquele país (MOREAU, 1982).

Embora, no século XIX, a França tenha tido contato com o pensamento de Hegel, através de autores como Victor Cousin, Hyppolite Taine, Paul Janet ou Octave Hamelin, “cuja obra assinala um retorno parcial a Hegel” (CARVALHO, 1976, p. 164), é depois

⁶ Feuerbach, Nietzsche e Kierkegaard elaboraram uma crítica ao cristianismo que precisa ser bem compreendida, pois eles “[...] foram centrais para o idealismo italiano e influenciaram diretamente na sua crítica ao cristianismo e na articulação intelectual do seu tipo de idealismo” (GIMENES, 2017, p. 185).

da Primeira Grande Guerra (1914-1918), por meio especialmente de Hyppolite e Kojève, que a filosofia do pensador alemão se divulgará entre os franceses.

O período posterior à 1ª Guerra Mundial assinala, especialmente na França, com os trabalhos de Jean Hyppolite e Alexandre Kojève, um ressurgimento do hegelianismo, para o qual contribuíram não só a publicação dos trabalhos do «jovem Hegel» e a difusão do marxismo, mas a orientação existencialista das filosofias que, após 1930, mais êxito lograram na Alemanha e na França. Essa influência se reflete, de modo especial, nas obras de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, e de marxistas como Roger Garaudy, Henri Lefebvre, Adam Schaff, Karel Kosik, C. I. Gouliane, György Lukács, Karl Korsch, Herbert Marcuse, etc. (CARVALHO, 1976, p. 165)

De fato, quase todos viram, em Hegel, o pai espiritual do germanismo e pangermanismo. Contudo, a França do século XIX, havia lido inadequadamente o filósofo alemão. Não havia interesse de se traduzir Hegel para a língua francesa. Conforme mencionado, o cenário começou a mudar a partir do final da década de 1920. Nesse sentido, não se pode esquecer dos estudos de Jean Wahl e de dar o devido destaque ao famoso curso de Alexandre Kojève sobre a *Fenomenologia do espírito*. (CANGUILHEM, 1948). Foi esse filósofo

[...] com seu curso sobre a *Fenomenologia do Espírito* que marcou o pensamento francês com esta temática em grande parte derivada de uma improvável leitura heideggero-marxista de Hegel. Para termos uma idéia do tamanho desta influência, basta lembrarmos de alguns frequentadores destes seminários: Maurice Merleau-Ponty, Jacques Lacan, Georges Bataille, Pierre Klossowski, Raymond Aron, Eric Weil, Raymond Queneau, Jean Hyppolite, André Breton e, de uma maneira esporádica, Jean-Paul Sartre. Todos eles terão seus projetos intelectuais marcados de maneira profunda por este contato com a fenomenologia hegeliana. Raramente, um comentário de texto foi tão decisivo na estruturação da experiência intelectual de uma geração. (SAFATLE, 2007, p. 3)

A respeito do referido curso, somos informados por Pinard-Legry que as aulas impactaram fortemente a Georges Bataille. Este teria declarado:

[...] quantas vezes Queneau e eu saímos sufocados da pequena sala – sufocados, pregados). Na mesma época, através de inúmeras leituras, eu estava ciente do movimento da ciência. Mas o curso de Kojève me quebrou, esmagou, matou dez vezes. (PINARD-LEGRY, 1983, p. 57)

Não é exagero afirmar que o decisivo para a mudança da situação dos estudos hegelianos, em solo francês, foi a tradução, que Hyppolite fez, da *Fenomenologia* publicada em dois tomos (1939 e 1941, respectivamente). Graças a isso, nos anos 1940, pela primeira vez, Hegel é lido e estudado seriamente pelos filósofos franceses (CANGUILHEM, 1948).

Hyppolite apresentou, em 1946, a sua tese de doutorado em Filosofia intitulada *La Genèse et la Structure de la Phénoménologie de l'Esprit*. Canguilhem alerta para a dificuldade que os franceses tinham em relação a Hegel, de maneira que, em sua opinião, poucos são aqueles que foram capazes de entender o que o filósofo alemão havia dito. Assim, explica ele, Jean Hyppolite deseja oferecer um fio condutor para os leitores da *Fenomenologia do Espírito* (CANGUILHEM, 1948).

Vale destacar que Hyppolite rejeita escolher entre a direita e a esquerda hegeliana.

Na visão de Kojève, Hegel é ateu. Ao defender isso, o pensador da Rússia se tornou alvo de inúmeras críticas vindas de distintos grupos, isto é, marxistas, trotskistas ou comunistas, “pois, se Hegel não é um teísta, o marxismo perderia sua razão de ser e os marxistas o seu tempo” (CANGUILHEM, 1948, p. 228).

O autor russo também defende que em Hegel existe a tese, tornada celebre, de acordo com a qual a história havia chegado a seu fim. Entretanto, Kojève se posiciona contrário a essa proposição, afirmando que a história ainda não terminou. Qual é o significado da história humana? Este é um problema para o qual Kojève dedicou bastante atenção. Para o pensador, deve-se fazer a distinção entre o “tempo da natureza” e o “tempo da humanidade”. Assim raciocina o autor: “Apenas este último é histórico, só o homem faz história... O fim da história é o fim da ação humana” (CANGUILHEM, 1948,

p. 289). De acordo com a sua explicação, é através do trabalho, entendido como ação que nega o dado, que o homem se realiza. Para ele, o homem é projeto.

Em seu modo de ver, não existe uma dialética natural, mas uma dialética humana. Só é possível falar de uma dialética do real na medida em que ela inclui o homem. Ele deixa claro que não apenas essa tese não está presente em Hegel, mas, ao contrário, o filósofo alemão defende o oposto disso. Kojève rejeita a dialética do ser natural, proposta na *Enciclopédia*, preferindo a perspectiva proposta pela *Fenomenologia*. Assim, ele discorda do monismo hegeliano que une homem e natureza. Para o filósofo russo, o “homem é... diferente de tudo aquilo que é apenas natureza” (CANGUILHEM, 1948, p. 290).

Segundo Canguilhem, o que Kojève pretendia era transformar a filosofia de Hegel em um humanismo *stricto*, sendo necessário para realizar isso chegar ao naturalismo. Precisava-se, portanto, de uma dialética materialista (própria à natureza, nas palavras de Sartre). Dito de outro modo, trata-se de, em certas situações, recorrer à abstração e, em outras, ir à totalidade concreta. Merece ainda ser sublinhado que a leitura de Hegel feita por Kojève levou este ao equívoco de detectar a presença, além da conta, de Marx em Hegel (CANGUILHEM, 1948).

Com Hyppolite, a situação mudou. Este fica mais próximo ao texto hegeliano do que Kojève. Ao comparar os dois intérpretes do pensador alemão, Canguilhem é direto:

Na verdade, a interpretação de Kojève é apresentada de tal forma que se não tivéssemos a tradução da *Fenomenologia* feita por Hyppolite, seria inutilizável para o leitor francês, ansioso por compreender Hegel, e não apenas conhecer as ideias que lendo Hegel inspirou o Sr. Kojève. CANGUILHEM, 1948, p. 292)

Deve-se destacar evidentemente que, além de Kojève e Hyppolite, a recepção do pensamento de Hegel, em solo francês, é fruto de um esforço louvável também de outros pensadores como, por exemplo, Koyré e Wahl:

[...] dois russos imigrados, Alexandre Koyré e Alexandre Kojève, e dois franceses, Jean Wahl e Jean Hyppolite. A filosofia hegeliana encontra um solo fértil para se enraizar em território francês através do ensino e das publicações desses pensadores, e seu legado estabelece um ponto de referência para os mais diversos e mais importantes intelectuais franceses do século XX que, de um modo ou de outro, se viram na necessidade de tomar posição quanto ao pensamento de Hegel. Dentre eles estão Bataille, Breton, Lacan, Sartre, Deleuze, Foucault e Derrida, para citar alguns. Pretendemos mostrar que a interpretação de Hegel na França tende a operar uma cisão intransponível dentro de seu próprio pensamento, e, deste modo, expor um impasse ao mesmo tempo em que aponta para sua superação. Nisso residiria tanto a fraqueza quanto a força do sistema hegeliano. (MARÇAL, 2016, p. 129-130)

É preciso ter presente o papel desempenhado pela figura dialética “senhorescravo” (assim como a importância dessa leitura hegeliana para uma teoria da história) na definição dos rumos dados à recepção de Hegel na França. Nisto, Alexandre Kojève foi peça-chave.

Entretanto, Bruce Baugh (1993) indica uma outra estratégia para que se possa compreender a recepção da filosofia de Hegel na França. Segundo o autor canadense, ao invés de analisar essa história partindo de Kojève e sua interpretação da dialética senhorescravo, dever-se-ia seguir um outro caminho, isto é, ver esses fatos tendo como ponto de partida Jean Wahl e suas ponderações a respeito de uma segunda figura hegeliana também da *Fenomenologia do Espírito*, ou seja, a “consciência infeliz”.

Essa mudança de perspectiva torna o cenário bem diferente. Seguindo a primeira estrada, teremos como bússola para orientar a nossa compreensão da história o processo dialético que sempre vai desembocar em uma síntese. Isto nos traz conforto e segurança, pois alimenta em nós a esperança de uma grande síntese final, travestida de Deus ou de fim da história (ou outra qualquer). Caso se faça a opção por trilhar a segunda via, a maneira de perceber a condição humana mudará, pois desaparecerão as muletas, os amparos, as proteções. O homem será visto como um ser entregue à própria sorte, cuja história começa e termina nele mesmo. Em um cenário como esse, não existe qualquer certeza em relação ao futuro, nem mesmo se haverá um.

Eis o resumo do autor canadense:

A famosa dialética mestre-escravo de Hegel não é tão central na filosofia francesa contemporânea, como se costuma dizer. A partir da década de 1920, as obras de Jean Wahl e Alexandre Koyré favorecem outra figura da Fenomenologia do Espírito, a "consciência infeliz", considerada decisiva para a compreensão da Filosofia hegeliana do conceito, do tempo e da história. Como a "consciência infeliz", todos esses temas estão ligados à existência humana, que é caracterizada por uma série de inversões e antíteses, em vez de uma progressão dialética do conflito para mediação para reconciliação e síntese. Esta corrente de interpretação continua em Hyppolite, Sartre, os surrealistas e até em Derrida, e ela provoca uma reação crítica de Henri Lefebvre. (BAUGH, 1993, p. 423)

Não se deve esquecer que tanto o marxismo quanto o existencialismo desempenharam um importante papel no que se refere à acolhida do hegelianismo, na França.

Finalizo esse tópico deixando falar o nosso saudoso Cláudio de Lima Vaz, nome significativo para os estudos hegelianos em nosso país.

O ter exorcizado, esperemos que definitivamente, da historiografia filosófica francesa a imagem do Hegel dogmático e totalitário, fazendo surgir em seu lugar o filósofo do "pensamento da liberdade" nos quadros de um Sistema estruturalmente "aberto", é esse sem dúvida o mérito maior da leitura hegeliana de Jarczyk-Labarrière. (LIMA VAZ, 1997, p. 566)

É precisamente sobre a recepção, que teve o pensamento de Hegel aqui no Brasil, que trataremos a seguir.

3. Hegel no Brasil

Embora, já em Tobias Barreto (1839-1889), seja possível encontrar algo do monismo de Hegel (LIMA, 1939), além de uma postura crítica à sua filosofia da história e à apropriação metafísica realizada pelo filósofo de Stuttgart (PASSOS, 2016), a entrada do hegelianismo em nosso país foi tardia e lenta. Hermes Lima testemunha a esse respeito:

“Também o idealismo de Schelling, Fichte e Hegel..., quasi não ecoou no Brasil. Apenas Hegel pôde conquistar raras simpatias, aliás seródias e pouco produtivas” (LIMA, 1939, p. 118).

Em 1936, foi publicada em nosso país a primeira tradução de uma obra completa de Hegel. Trata-se da *Enciclopédia das ciências filosóficas* (em três volumes). A versão para o português foi realizada pelo cearense Lívio Barreto Xavier. Outro, que merece ser mencionado por suas contribuições aos estudos hegelianos por aqui, é o também cearense Djacir Menezes. As contribuições deste último aparecem em obras como *Teses quase hegelianas* (1972) e *Hegel e a filosofia soviética* (1959), ambas de sua autoria. De acordo com as informações de Bavaresco e Konzen, esses dois escritores foram os primeiros tradutores do filósofo alemão, no Brasil (BAVARESCO; KONZEN 2012).

De fato, no Brasil, a recepção da filosofia de Hegel foi marcada, *grosso modo*, pela crítica elaborada pelo marxismo ao pensamento do autor. Na minha opinião, as observações, que Tom Rockmore faz sobre a abordagem lukácsiana do pensamento de Hegel, podem ser usadas para descrever sem injustiças o tipo de leitura que, em nosso país (e até certo ponto na América Latina em seu conjunto), foi realizada da obra do teórico alemão. Eis o resumo de seu artigo *Lukacs et la lecture marxiste de Hegel*:

O autor estuda dois temas comuns a todos os estudos sobre Hegel realizados por Lukács: a relação de Marx com Hegel de um lado e de outro a afirmação de que o pensamento de Marx é a verdade daquele de Hegel. O objetivo de Lukács é constante: depreciar o idealismo em favor do materialismo. (ROCKMORE, 1987, p. 81)

Contudo, em nosso país, constata-se a presença de outra abordagem, feita ao pensamento de Hegel, que poderíamos chamar de “teológica”. Dois nomes podem ser

mencionados para ilustrar essa perspectiva: o mineiro Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) e o cearense Paulo Gaspar de Meneses⁷ (1924-2012), ambos eram jesuítas.

Eu acredito que a questão, levantada logo após a morte de Hegel, sobre ele ser ou não ateu exerceu certa influência, na escolha deste último caminho de acolhida do pensador europeu. Veja-se, por exemplo, o caso de Pe. Vaz:

A ambivalência de Lima Vaz no que tange ao problema do (a)teísmo em Hegel fica evidenciada no cotejo de diferentes passagens da obra do filósofo jesuíta. Tanto uma leitura transcendentalista quanto uma leitura imanentista de Hegel são possíveis – e Lima Vaz, a nosso juízo, flerta com ambas, em momentos distintos de seu trabalho. (ALMEIDA, 2014, p. 1183-1184)

No que se refere à produção de ambos, destaque para as seguintes obras: a) Pe. Meneses: *Para ler a “Fenomenologia do Espírito” (Roteiro)* (1992); tradução da *Fenomenologia do Espírito* (2 volumes) (1992); tradução da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas: Lógica* (vol. I, 1995a); *Filosofia da natureza* (vol. II, 1995b); *Filosofia do Espírito* (vol. III, 1995c); *Hegel e a “Fenomenologia do Espírito”* (2003). b) Pe. Vaz: *A formação do pensamento de Hegel* (2014) e *Introdução ao pensamento de Hegel. Tomo I: A Fenomenologia do Espírito e seus antecedentes* (2020). De 1970 a 1986, Lima Vaz ministrou o curso *Introdução ao pensamento de Hegel*, na UFMG.

Prosseguindo nesta interface com o campo teológico, devemos ter presente que a relação do catolicismo com o pensamento hegeliano, embora possa ser caracterizada como letárgica ao longo do século XIX, no decorrer do século XX a situação vai mudar para um interesse crescente em relação à filosofia de Hegel por parte de pensadores católicos⁸. Quanto ao aspecto protestante da questão, temos a visitação da obra de Hegel

⁷ A partir de 1970, ele passou a dirigir um grupo de pesquisa voltado para o estudo do pensamento de Hegel. Seus esforços dedicados à compreensão e propagação da filosofia do autor alemão levaram o professor Paulo de Meneses a ser nomeado o presidente de honra da Sociedade Hegel do Brasil.

⁸ Apenas para ilustrar a respeito da força e da polivalência do sistema hegeliano, lembro que os ventos desta filosofia atingem a teologia da libertação (bastante influente no Brasil e na América Latina), graças a um movimento que partindo de Ernest Bloch chega a Gustavo Gutiérrez.

feita (em maior ou menor grau) por teólogos como Schleiermacher, Hermann, Harnack, Seeberg, Bultmann e Karl Barth. (ANDEREGGEN, 1995)

Finalizando este tópico, sublinhamos que, no Brasil do século XXI, constata-se uma mudança na maneira de lidar com a filosofia de Hegel.

Os textos sobre os quais tivemos conhecimento de sua edição ou reedição conformam uma média razoável de aproximadamente 1 livro editado a cada 30 dias; isso para um total de 15 publicações nos 15 meses relativos ao período em questão. Esse não nos parece um número pouco expressivo; pois, levando-se em consideração principalmente a realidade editorial do Brasil e as condições gerais de nossa educação filosófica (o que também pode ser o caso de Portugal), a publicação de aproximadamente um livro por mês sobre um filósofo como Hegel ou sobre a filosofia esposada por ele deve ser motivo de celebração. Eis os dados: 4 traduções de obras de Hegel, 4 traduções de comentadores (três do alemão e uma do francês), 3 comentários em língua portuguesa, 2 introduções gerais, 1 reconstrução crítica e 1 volume coletivo (que de certo modo também não deixam de ser comentários). Contudo, os dados acima não nos permitem ainda uma celebração propriamente dita do renascimento – em terras lusófonas – do espírito que habita a filosofia de Hegel; isso porque encontramos aí algo muito desconfortável, a saber: a discrepância entre o número de comentários e o de traduções das obras do próprio Hegel. (SILVA, 2008, p. 5)

De fato, no que se refere a essa nova situação, se, por um lado, os amantes do hegelianismo não têm motivos para assumirem atitudes eufóricas, por outro, deve-se reconhecer que, em nosso país, a filosofia de Hegel persiste e avança, mostrando o vigor e a consistência do pensamento desse autor.

Considerações finais

Em ocasiões, como a que resultou neste escrito, nas quais decidimos deixar em segundo plano certas atividades a fim de nos dedicarmos um pouco a refletir sobre o sistema elaborado por Hegel e suas consequências, é difícil não ser tomado por um enorme sentimento de respeito (apesar dos pontos de divergência que, porventura, possamos nutrir em relação a algumas de suas teses) por esse intelectual alemão

incrivelmente criativo e perspicaz. As palavras a seguir de Michel Foucault expressam com clareza a importância que ele teve, e continua tendo, em nossos dias.

Toda nossa época, que seja pela lógica ou pela epistemologia, que seja através de Marx ou através de Nietzsche, tenta escapar de Hegel (...) Mas realmente escapar de Hegel supõe apreciar de maneira exata quanto custa se desvincular dele; isto supõe saber até onde Hegel, talvez de maneira insidiosa, aproximou-se de nós; supõe saber o que é ainda hegeliano naquilo que nos permite pensar contra Hegel e medir em que a nossa recusa contra ele ainda é uma astúcia que ele mesmo nos opõe e ao final da qual ele mesmo nos espera, imóvel. (FOUCAULT, 1971, p. 74-75)

Depois de Hegel, no ocidente, o pensamento e o mundo produzido por este têm o DNA carregado de hegelianismo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Philippe Oliveira de. Lima Vaz: hegeliano ou tomista? In: FERREIRO, Héctor; HOFFMANN, Thomas Sören; BAVARESCO, Agemir (Orgs.). **Los aportes del itinerario intelectual de Kant a Hegel: Comunicaciones del I Congreso Germano-Latinoamericano sobre la Filosofía de Hegel / Os aportes do itinerário intelectual de Kant a Hegel: Comunicações do I Congresso Germano-Latinoamericano sobre a Filosofia de Hegel**. Porto Alegre: Editora Fi/EDIPUCRS, 2014, p. 1171-1192. (Série Filosofia; 225).

ANDEREGGEN, Ignacio. *Hegel y el catolicismo*. Buenos Aires: Editorial de la Universidad Católica Argentina, 1995.

BAUGH, Bruce. Hegel in Modern French Philosophy: The Unhappy Consciousness. *Laval Théologique et Philosophique*, v. 49, n. 3, p. 423-438, 1993. Disponível em < <https://core.ac.uk/download/pdf/59529069.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2021.

BAVARESCO, Agemir; KONZEN, Paulo Roberto. Panorama Histórico da Recepção de Hegel no Brasil. In: UTZ, Konrad; BAVARESCO, Agemir; KONZEN, Paulo Roberto (Orgs.). **Sujeito e Liberdade: Investigações a partir do Idealismo Alemão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p.99-128. (Série Filosofia, 217). Disponível em: < https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/21153/2/Panorama_Historico_da_Recepcao_de_Hegel_no_Brasil.pdf >. Acesso em: 9 ago. 2022.

CANGUILHEM, Georges. Hegel en France. In: *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 28-29, année n. 4, p. 282-297, 1948. Disponível em <

https://www.persee.fr/docAsPDF/rhpr_0035-2403_1948_num_28_4_3225.pdf >.

Acesso em: 6 jan. 2021.

CARVALHO, Carlos Alberto Penna Rodrigues de. Hegel em quarta dimensão: Visão Crítica. In: *Revista da Faculdade de Direito*, p. 159-180, 1976. Disponível em: < <file:///C:/Users/mlver/Downloads/1452-Texto%20do%20Artigo-2766-2-10-20140918.pdf> >. Acesso em: 12 nov. 2021.

CHIOCCHETTI, Emilio. *La filosofia di Benedetto Croce*. 3 ed. Milão: Società Editrice Vita e Pensiero, 1920.

DIAMANTI, Marco. *La fortuna di Hegel in Italia nell'Ottocento*. Nápoles: Bibliopolis, 2020.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du Discours*. Leçon Inaugurale du Collège de France, 2 décembre 1970. Paris, Gallimard, 1971.

GALLO, Fernanda. Gli hegeliani di Napoli e il Risorgimento. Bertrando Spaventa e Francesco De Sanctis a confronto (1848-1862). *LEA: Lingue e letterature d'Oriente e d'Occidente*, n. 6, p. 651-668, 2017. Disponível em < <https://core.ac.uk/download/pdf/228551275.pdf> >. Acesso em: 12 abr. 2021.

GIMENES, Márcio. Idealismo à italiana. Filosofia na Itália e influência germânica nos séculos XIX e XX: O caso da influência e recepção de Feuerbach, Kierkegaard e Nietzsche nas filosofias de Benedetto Croce e Giovanni Gentile. *Dissertatio*, n. 45, p. 184-208, 2017. Disponível em: < <file:///C:/Users/mlver/Downloads/11575-39971-1-PB.pdf> >. Acesso em: 16 fev. 2022.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*: Edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 2007. 4 vol.

LICATA, Rosa. La influencia de Hegel sobre Croce y Gentile: Un texto inédito de Miguel Angel Virasoro. *CUYO: Anuario de Filosofía Argentina y Americana*, n. 12, p. 123-165, 1995. Disponível em: < https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/1654/licataiicuyo12.pdf >. Acesso em: 27 out. 2021.

LIMA, Hermes. *Tobias Barreto (A Época e o Homem)*: (Em apêndice o Discurso em mangas de camisa com as notas e adições). Companhia Editora Nacional. São Paulo - Rio - Recife - Porto Alegre, 1939. Disponível em: < <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/224/1/140%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> >. Acesso em: 28 ago. 2020.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Hegel e a filosofia francesa. *Síntese Nova Fase*, v. 24, n. 79, p. 561-566, 1997. Disponível em < <file:///C:/Users/mlver/Downloads/719-Texto%20do%20artigo-2740-1-10-20100713.pdf> >. Acesso em: 5 jul. 2019.

LOSURDO, Domenico. *Antonio Gramsci dal liberalismo al «comunismo critico*. Roma: Gamberetti, 1997.

MARÇAL, Alexandre Cherulli. Notas sobre a recepção de Hegel na França. *AnaLógos*, v. 1, p. 129-139, 2016. Disponível em < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28249/28249.PDFXXvmi=3I7U0Enr9U9SvvCa0j9aEOcQeufal1gwr4mxQQJCEcNbjWaH1qHAQPe14M12D4ihmq69FmaSK3jhGxTrKxnrixgzz7W4hIFdUu9RMibQQ7kZin09fxcoTBwvobSWFPIfhLcIKx7qirUBm9JzdzRDxQltQ7w7O3vN9VRxOcbg9Dd1k1rIjQfa1BFJ9wBaurc0PpAitsHIFUaernGKN3eV2w19ldOLvuKoQ19W6IJIqWGgJdT pJtAxETm2VG8nuFok> >. Acesso em: 3 fev. 2021.

MONTANO, Aniello. Croce. Más allá de la ‘metafísica de la mente’. La filosofía como ‘historicismo absoluto’. *Zibaldone. Estudios italianos*, v. 2, n. 2, p. 6-18. 2014. Disponível em < <https://ojs.uv.es/index.php/zibaldone/article/view/6977> >. Acesso em: 9 jul. 2021.

MORDENTI, Raul. Quaderni dal Cardere di Antonio Gramsci. In: ROSA, Alberto Asor (org.). *Letteratura Italiana Einaudi. Le Opere*. Vol. IV. II. Torino: Einaudi, 1996.

MOREAU, Joseph. Approche de Hegel. In: *Revue Philosophique de Louvain*. Quatrième série, tome 80, n. 45, p. 5-34, 1982. Disponível em: < https://www.persee.fr/docAsPDF/phlou_0035-3841_1982_num_80_45_6171.pdf >. Acesso em: 12 abr. 2021.

MUSTÈ, Marcello. Dialettica e società civile. Gramsci come «interprete» di Hegel. *Polemos: Materiali di Filosofia e Critica Sociale*, n. 1, p. 30-46, 2018. Disponível em: < <https://www.rivistapolemos.it/wp-content/uploads/2019/03/2.-Must%C3%A9.pdf> >. Acesso em: 19 out. 2021.

PASSOS, Aruanã Antonio dos. *Pensamento em combate: Tobias Barreto na aurora da República (1869-1889)*. 2016. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/5764/5/Tese%20-%20Aruana%20Ant%C3%B4nio%20dos%20Passos%20-%202016.pdf> >. Acesso em: 14 jun. 2021.

PINARD-LEGRY, Jean-Luc. Kojève, lecteur de Hegel. In: *Raison Présente*, n. 68, p. 57-67, 1983. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/raipr_0033-9075_1983_num_68_1_2334 >. Acesso em: 18 ago. 2020.

RIZZO, Francesca. La costruzione della tradizione idealistica italiana. *Il Pensiero Italiano: Rivista di Studi Filosofici*, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: < <https://cab.unime.it/journals/index.php/PI/article/view/1576> >. Acesso em: 9 jun. 2021.

ROCKMORE, Tom. Lukacs et la lecture marxiste de Hegel. *Laval Théologique et Philosophique*, v. 43, n. 1, p. 81-90, 1987. Disponível em: <

<https://www.erudit.org/fr/revues/ltp/1987-v43-n1-ltp2127/400279ar.pdf> >. Acesso em: 12 abr. 2021.

RUSPOLI, Enrique. La filosofía del espíritu de Benedetto Croce: arte, filosofía e historia. *Cuadernos de Filología Italiana*, 2000, n. extraordinário, p. 609-627, 2000. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/38830799.pdf> >. Acesso em: 11 set. 2021.

SAFATLE, Vladimir. *Curso Integral: A Fenomenologia do espírito, de Hegel*. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: < https://www.academia.edu/5857053/Curso_Integral_A_Fenomenologia_do_Esp%C3%ADrito_de_Hegel_2007?auto=download >. Acesso em: 9 out. 2020.

SCIACCA, Michele Federico. L'Attualismo di Giovanni Gentile. *Theoria: Revista de Teoría, Historia y Fundamentos de la Ciencia*, a. 3, n. 1, p. 9-16, 1955. Disponível em: < <https://addi.ehu.es/bitstream/handle/10810/39908/Theoria%209%209-16.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 25 abr. 2020.

SILVA, Manuel Moreira da. Editorial – Uma consideração especulativa sobre a bibliografia hegeliana em Língua portuguesa: Algumas notas críticas aos lançamentos mais recentes (2007/2008). *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, a. 5, n. 8, p. 5-22, 2008. Disponível em < <https://www.hegelbrasil.org/reh8/editorial.pdf> >. Acesso em: 6 jan. 2021.

VANZULLI, Marco. *Gramsci e Labriola Teoria della storia e filosofia politica in Gramsci attraverso un confronto col marxismo di Antonio Labriola*. in Atti del convegno di studi «Antonio Gramsci e la storia d'Italia» (in corso di pubblicazione presso l'editore Unicopli di Milano), [2008], Disponível em: < https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao4/Marco_Vanzulli.pdf >. Acesso em: 14 jun. 2020.